

**JAIR PIMENTEL**Jornalista e escritor
E-mail: jornalista.jairpimentel@gmail.com

Meu Colégio, Minha Vida

Tardiamente, ingressei no curso científico (atual ensino médio), no Colégio Estadual de Alagoas, que ficava na Rua Barão de Alagoas, atual sede da Secretaria de Educação. Não porque tenha começado a estudar muito tarde. Mas porque repetia de ano constantemente. Meu primeiro contato com os livros, foi em casa mesmo, através de meu pai, grande incentivador pela leitura e pesquisa. Também levava jornais e revistas para que pudesse aprender a gostar do mundo literário. Não tive escapatória: virei jornalista, professor e escritor. Ingressei na universidade, já casado e pai de dois filhos, numa luta tremenda para adquirir uma formação acadêmica. Nunca mais parei de estudar e trabalhar.

Sempre detestei as disciplinas da área de exatas, que eram realmente o "bicho papão" de minha vida escolar, ficando em segunda época e na maioria, reprovado de ano, mudando de colégio constantemente, atravessando todo o primário e ginásial, nesse ciranda, até chegar ao científico e optar pelo mais bem preparado colégio da rede pública. Começa uma nova trajetória com disciplinas que nunca tinha visto: Física, Química, Biologia. Adorava

as da área de humanas (História, Geografia, OSPB) e obviamente, Português e Literatura.

Tinha os melhores professores do Estado, preparados para levar seus alunos à Universidade Federal de Alagoas, através de um vestibular concorridíssimo. Existiam aulas até aos sábados, que terminavam um pouco antes do horário normal, dando tempo a ir ao Cinema de Arte, do São Luiz, sempre com filmes de lançamento nacional e ganhadores do Oscar. Um programa que adorava, para depois ainda passar no Bar do Chopp, bebericar um pouco e partir para casa, trocar de roupa e vestir o calção para se deliciar no banho de sol e mar na praia da Avenida.

O colégio ocupava uma quadra inteira, entre as ruas Barão de Maceió, Moreira Lima, Augusta e Fernandes de Barros, com dezenas de salas de aula, auditório, biblioteca, cantina, pátio externo, ginásio de esportes ao lado. As salas sempre lotadas, com adolescentes ávidos pelo saber, prestando atenção às aulas, estudando muito, com um só objetivo: passar no vestibular. Existiam laboratórios de Biologia e Química, para as aulas práticas. Aulas que prendiam a atenção de todos, como as de Português, com

a professora Renilde Farias ou de Matemática, com o professor Petrônio Viana. A primeira, adorava. A segunda, detestava, sempre tirando nota abaixo da média exigida. Era impossível aprender tantos cálculos. Meu QI só conseguia captar mesmo as disciplinas de ciências humanas. Não que decorasse tudo. Simplesmente, entendia e sabia transmitir, chegando a ter nota máxima.

Perdi apenas um ano no científico, exatamente quando no primeiro, tive que abandonar, porque casei e comecei a trabalhar, não conseguindo transferência para o noturno. Concluí aos 22 anos, idade que era para já ter o diploma de curso superior. Só que não parei de estudar. Fiz vestibular por três anos consecutivos, até que no terceiro, consegui aprovação e começa então uma verdadeira maratona, para unir trabalho e estudo, já que não existiam cursos noturnos na Ufal. O Colégio Estadual ficou em minha memória, exclusivamente por ser o centro principal do aprendizado de acesso a Universidade, onde realmente aprendi a gostar de ler, escrever, pesquisar e me tornar um profissional ligado diretamente às letras, tanto como jornalista, como professor e escritor.